

O Progresso Catholico

REVISTA RELIGIOSA, SCIENTIFICA, LITTERARIA, ARTISTICA E NOTICIOSA

SUMMARIO

Pastoral de S. Ex.ª Revd.ª o Snr. D. Americo, Bispo do Porto, acerca do Jubileu extraordinario. — SECÇÃO SCIENTIFICA: *Notavel carta dirigida a Paulo Best, professor na Faculdade de Pariz, sobre o novo projecto de lei francez, para a secularisação do ensino,* por J. Scaudel. — SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA: *Ainda Saraiva e Castilho,* pelo padre Senna Freitas. — OS NOSSOS BISPOS NA CAMARA DOS PARES: *Discurso de S. Ex.ª Revd.ª o Snr. Bispo de Bragança e Miranda, na sessão de 12 de março (Conclusão).* — SECÇÃO LITTERARIA: *Harthea e Theophilo, ou os despoçados do céu,* romance. — RETROSPECTO DA QUINZENA, por J. de Freitas.

GUIMARÃES, 15 DE MAIO

D. AMERICO FERREIRA DOS SANTOS SILVA, por *Mercê de Deus e da Santa Sé Apostolica, Bispo do Porto, do Conselho de Sua Magestade Fidelissima, Par do Reino, Grã-Cruz da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e Commendador da de Christo, etc.*

Ao Reverendissimo Cabido, Reverendos Parochos e mais Clero, e Fieis da Nossa Diocese, Saude, Paz e Benção em Jesus Christo Nosso Senhor e Salvador.

Com a mais viva satisfação annunciamos aos Nossos caros Diocesanos, que o Santissimo Padre Leão XIII concedeu a todos os Fieis do Orbe Catholico Indulgença Plenaria em forma de Jubileo extraordinario, que Nos auctorisou a publicar aos da Nossa diocese pelas Suas Lettras Apostolicas—Pontifices Maximi—em data de 15 de Fevereiro ultimo, ás quaes Sua Magestade Fidelissima Houve por bem accordar o Regio Beneplacito.

Quaesquer que sejam os direitos e preeminencias do que se ache revestida uma auctoridade suprema, nenhuma regalia a adorna com mais esplendor do que a de conceder mercês, e nunca esta é exercida com mais nobreza d'alma do que quando outorga amnistia. Assim vemos os Imperantes, ao darem começo ao seu governo, grangearem o affecto dos subditos, e patentearem sua regia munificencia, liberalizando graças e usando generosamente do poder de perdoar.

Não é muito, pois, que o Summo Ponti-

fice, que preside á mais extensa e numerosa sociedade do mundo, tenha tambem, e mais que outro qualquer Soberano, a bella prerogativa de remittir as penas; e, porque é o Representante de Jesus Christo e seu Vigario na terra, porque é seu dominio a consciencia humana, e Lhe foram dadas as chaves do reino dos Céos, tem por especial privilegio dar Indulgença Plenaria aos que sinceramente se convertem para Deus.

Mais alto, porém, ainda se elevam as vistas dos Summos Pontifices, quando desde antiquissimos tempos, ao assumir o governo espirital do Orbe Catholico, tem cada um o zeloso cuidado de logo no primeiro anno doar um Jubileo a toda a Igreja. Ao usarem pela primeira vez do amplissimo poder que Jesus Christo lhes conferiu de «ligar e desligar», não os move sómente aquelle espirito de caridade que animava S. Paulo ao «fazer-se tudo para todos a fim de a todos salvar» (1.ª Ep. aos Cor. c. 9, v. 22; nem mesmo é seu empenho dar aquella prova de amor que o Filho de Deus exigiu a S. Pedro lhe professasse tres vezes antes de lhe commetter a suprema pastoreação das suas ovelhas e dos seus cordeiros.

A concessão d'esta graça de perdão universal é dictada por outro sentimento, que tanto mais se coaduna com o coração do Chefe Supremo da Igreja, quanto mais excelso é o throno a que a mão de Deus o elevou,—a humildade christã.

As Lettras Apostolicas nol-o indicam logo no seu titulo: Jubileu Universal para implorar o auxilio divino, *ad implorandum divinum auxilium*; e mais o confirmam, quando o Santo Padre confessa: «Nós sabemos hem quão necessaria é á Nossa «fraqueza a abundancia de graças divinas «no desempenho do difficil ministerio de «que Nos achamos investido».

Tão santo temor e desconfiança das proprias forças era bem cabido, mesmo nos tempos em que a lei christã imperava sem contestação, e os mandados do Summo Pontifice eram obedecidos com reverente acatamento; pois que então como sempre é ao seu Vigario que Jesus Christo repetirá mais que a outrem: «todo aquelle a quem muito foi dado, muito lhe será exigido» (S. Luc. 12, v. 48). Agora, porém, á tremenda responsabilidade do governo supremo das almas, accresce o que o Santo Padre aponta com eloquentes traços: «Sabemos «por longa experiencia qual é o lamentavel «estado dos tempos que Nos couberam, e «quão grandes as tempestades que ao presente assaltam a Igreja. Os negocios publicos correndo cada vez para peor, os «amevolos disignios dos impios, e até as

ameaças da justiça de Deus, que a alguns «d'elles já castigou com rigor, tudo nos faz «recear futuros males ainda maiores».

E com effeito, por mais que nos deixemos enlevar pela prosperidade dos tempos de hoje, por muito que se applaudam os assombrosos progressos materiaes da sociedade moderna, o Pastor Supremo é o defensor nato de interesses de outra ordem muito superior, da ordem moral; e, do alto posto em que Deus o collocou para vigilante sentinella, vê, como ninguem, com que animosidade vão elles sendo assaltados um a um.

As leis que até aqui eram por todos recebidas, e regulavam a vida assim publica como particular do homem, são abertamente transgredidas e mais ou menos desprezadas. Os principios havidos por dictados pela sã razão e boa moralidade na formação da familia, na direcção da educação, no governo da auctoridade, no uso da propriedade, ou são esquecidos, ou até contestados e postos em duvida. Tal subversão de ideas tem por causa primaria a descrença religiosa, que, negando a Deus por ente inutil, derogando sua lei por impracticavel, e combatendo sua Igreja por adversaria irreconciliavel, a tudo quer substituir o imperio do goso material, e para elle convida a humanidade inteira. Os males que de taes doutrinas hão de surgir, uns já os estamos presenciando; os outros ainda maiores hem os prevê o espirito sensato e reflectido, e com dedo certo aponta de que lado o a que hora hão de chegar.

A historia dos Summos Pontifices Romanos, que é a do genero humano durante os ultimos desenove seculos, marca com louvor e sem contestação a epocha em que uns apoz outros tiveram por missão especial salvar a civilisação tantas vezes ameaçada; e entre elles dá logar distincto a um S. Leão Magno, o primeiro da serie dos treze que a Igreja conta. Narrando um historiador a sua eleição, diz: «Roma e toda a «Christandade exultaram com tal noticia. «Por mais de um motivo era critico aquelle tempo, e reclamava um Pontifice que, «já prudencia e resolução juntasse grande «actividade e consciencia da sua missão «e auctoridade. Ora Leão possuia a um «tempo o talento que vê, e a vontade que «realisa: sabia qual era o seu dever; e o «genio activo e energico andava-lhe a par «das suas obrigações.»

Differentes são os tempos, e diversos os inimigos que outro Santo Padre Leão, XIII, encontra deante de Si; mas é identica a missão que se propõe desempenhar, assim como pare equal a virtude de que Deus O revestiu. No primeiro anno decorrido do seu Pontificado mais de uma vez

tem feito ouvir Sua voz a proclamar a governantes e governados, a ricos e pobres, a sabios e ignorantes, a proprietarios e operarios, a paes e filhos, a maridos e esposas, as grandes e eternas verdades que o mundo quer esquecer, e que Elle lhe vem lembrar para salvação de todos. É o representante de Deus na terra, que para Deus chama os homens afastados da sua lei, e que lhes clama com o texto sagrado na mão, que só n'ella e por ella poderão encontrar paz de espirito e tranquillidade de consciencia.

É divina a missão que emprehe, como o preceito que cumpre, de ensinar todas as nações, e por tanto justa e santa a causa que defende. Mas, porque conta com a protecção e confia nas promessas do Filho de Deus, cujo Vigário é, nem por isso deixa de pedir instantemente e esperar as orações de todos os Fieis Catholicos, para que tambem elles pela sua parte mereçam a Deus clemencia e misericordia: pois que se a justicia de Deus, prestes outr'ora a castigar uma cidade inteira, promettia aplacar-se, se n'ella encontrasse cincoenta, quarenta, trinta, vinte ou mesmo só dez justos, de nos se compadecerá agora e abençoará os esforços do nosso Supremo Pastor, se de labios purificados partirem as nossas preces. «Eis, diz o Santo padre, porque exhortamos vivamente a todos e a cada um dos filhos da Igreja e lhes pedimos no «Senhor que unam suas orações ás Nossas, «bem como as supplicas e os exercicios de «disciplina christã e de piedade: Nós lhes «rogamos que com o auxilio de Deus se «aproveitem com o maior zelo para bem «das suas almas e utilidade da Igreja d'«esta graça do Jubileo que lhes é offerecida, «e d'este tempo das celestes misericordias.»

Attenderemos por certo, caros Diocesanos, a esta voz amorosa do nosso Pae Espiritual como dedicados Filhos que sempre havemos sido. Ao Deus Todo Poderoso, que O collocou no throno mais elevado da Igreja, pediremos que, animando-o de zelo e de coragem, O sustente incolumi nos embates que O hão de arcommetter: ao Deus de toda a sabedoria rogaremos que não só Lhe inspire as mais acertadas resoluções, mas principalmente nos illustre a nós o entendimento, para conhecermos quanto ellas são para nossa emenda e doutrina, e dobre nossas rebeldes vontades ahiemente cumprirem Suas sabias determinações. Esta união de votos rosoando por toda a terra, é a consoladora communhão dos Santos, o constitue a participação das graças que se diffundem por toda a Igreja desde sua Cabeça até aos membros.

E para que contra nós se não realice a tremenda maldição do Propheta David ao seu inimigo: «Seja a oração fei a em peccado (Ps. 108, v. 7), procuraremos alcançar a Indulgencia Plenaria que com tanta liberalidade nos é offertada; e, para a merecer observaremos á risca as obras satisfactorias que nos são recommendadas.

São ellas a Confissão, a Communhão, um dia de jejum, uma esmola e a oração em visita ás igrejas.

Longe de alguma ser cousa nova ou pouco usada, antes todas são as que a educação christã sempre desde o berço nos

ensinou a practicar, e as que os Livros Sagrados constantemente exaltam como as mais accites perante Deus.

É a primeira de todas, e primeiro passo no caminho da regeneração moral do homem, a penitencia ou sincero arrependimento, e a ponto que sem elle inuteis são todas as mais obras, por mais meritoria que pareçam. Proclamemos todos bem alto esta salutar doutrina não tanto em palavras como em nosso proceder, para que a emenda dos nossos passados erros seja aos olhos do incredulo a mais completa resposta ás suas duvidas e ironias. E, porque por preceito divino, para o christão não ha perdão da culpa sem Confissão Sacramental, seja a nossa tão inteira que, ao recebermos a absolvição, possamos lembrar a Deus a promessa de David: *Tu nunca regeitarás um coração contricto e humilhado* (Ps. 50, v. 18).

Reconciliado com Deus, qual será o christão que não aspirará a completar sua união com elle? E, se de mais, tem a implorar d'elle alguma mercê, como se não lembrará que Jesus Christo disse: *o pão que eu hei de dar é a minha carne pela vida do mundo?* (S. Joãoc. 6, v. 52). Receberá então o seu corpo na Sagrada Eucharistia, e nelle abraçado e invocará com toda a confiança.

Prestada ao Creador a devida homenagem por parte da alma, é de justiça que o corpo tambem venha em mortificação reparar as mil offensas com que o tem desconhecido. E bem pouco é o que se lhe exige.

Mostra-nos a Sagrada Escripura quanto é agradável o jejum aos olhos de Deus, e narra como sempre teve especial virtude para do Céu obterem singular protecção os que com elle se prepararam para empreender grandes committimentos. Não nos é agora pedido outro semelhante em extensão de semanas e mezes: só um dia é quanto basta ao Santo Padre, confiando que em cada um de nós a boa vontade com que o observarmos, supprirá a insufficiencia do nosso sacrificio.

Quando o Supremo Pastor se empenha todo em nos adornar com a mais immaculada pureza moral, e em abrir caminho ás nossas vozes para o throno de Deus, não podia deixar de nos lembrar a virtude da caridade e a esmola aos pobres. Bem descrevia S. Paulo a superioridade d'esta virtude, quando reconhecia que, embora tivesse a lingua de um Anjo, o dom de um Propheta, ou passuisse a sciencia dos mysterios, ou mesmo a força de fé chegasse a transpôr as montanhas, de nada lhe serviam tantos dotes, se tambem não tivesse a caridade (Ep. 1.º Cor. c. 13, v. 1 e 2). Em quanto á sua belleza é Jesus Christo quem nol-a descreve, declarando que é a Elle proprio que recebemos, quando a algum pobre abrimos a porta e estendemos a mão de misericordia (Ev. S. Math. c. 25, v. 34 a 43). Graças infinitas damos n'este momento a Deus, porque nos constituiu Prelado da cidade e diocese que não tem rival na practica d'esta virtude por excellencia, e que assim o vai mostrar mais uma vez.

E agora, caros Diocesanos, por muito que já tenhamos feito a fim de merecermos a protecção do Céu para com o nosso Chefe Espiritual, a qual tambem para conosco é, isto ainda não é tudo, ou antes nada será.

Sem mim nada podeis, nos diz Deus; mas ao mesmo tempo accrescenta, animando as nossas fraquezas: *Tudo quanto pedirdes em oração, crede que o receberis* (S. Marc. c. 11 v. 24). N'esta promessa tem a mais firme fé o seu Vigário na terra, e por isso nos convida a todos para que assim purificados vamos ao templo de Deus encomendar-lhe o seu Apostolico Ministerio.

N'elle entraremos, sim; e do coração, que não dos labios sómente, subirá a nossa fervorosa prece. Será ella tão humilde como a do publicano, que sahio reconciliado: com a confiança do Centurião pediremos que diga uma palavra só que seja, e será salvo o seu servo; e por ultimo instaremos qual Chananea, para como ella ouvimos: *Faça-se como queres* (S. Math. c. 15, v. 28).

Pede o Santo Padre que n'esta oração nos conformemos com a Sua intenção e enderecemos a Deus piedosas supplicas pela prosperidade e exaltação da Igreja Catholica, e Santa Sé Apostolica, pela extirpação das heresias e conversão de todos os que vivem em erro, pela concordia dos Principes christãos, e pela paz e união de todo o povo fiel. Assim o farão os nossos Diocesanos, annuindo a tão paternal recommendação; mas, porque esta intenção geral, determinada pelo Supremo Pastor, não exclue outra de devoção particular e por Elle não ordenada; seguindo exemplo dos Bispos Portuguezes, que em occasião tão propicia nunca olvidaram o amor da patria, a todos lembramos invoquem tambem a protecção de Deus a favor d'este Reino de Portugal, e de toda a Familia Real, para que a todos nos dirija pelos caminhos da prosperidade, da paz e da lei christã.

Não desconhecemos que a importancia do fim para que este Jubileo nos é concedido, magnitude das graças espirituaes que por elle nos são liberalizadas, e a sanctificação que mediante ellas se pode alcançar, tudo reclamaria de Nós mais desenvolvida e sobre tudo mais persuasiva exhortação. Contamos, porém, e em boa razão, com a vossa cooperação, Reverendos Parochos e mais Sacerdotes d'esta diocese, para supprir a nossa deficiencia. Não olhareis ao accrescimento de trabalho, senão ao augmento de meios que vos são proporcionados para vos auxiliar na santa missão de salvar as almas. Sereis como S. Paulo recommenda, *os dispenseiros dos mysterios de Deus* (1.º Cor. c. 4, v. 1); e para os distribuir, acolhereis com a solicitude de bom pastor a todas as ovelhas; aos justos, para que mais e mais se elevem em santidade, aos peccadores, para que este tempo lhes seja ensino favoravel de perdão, indulgencia e conversão.

Usando, pois, das facultades concedidas pelo Santo Padre Leão XIII nas Suas citadas Lettras Apostolicas, e conformando-nos com as Suas intenções, annunciamos aberto n'esta Diocese o tempo do Jubileo extraordinario, que começara no dia em que esta Nossa Pastoral for lida em cada freguezia á Estação da Missa Conventual e terminará no dia 1.º de Junho, Domingo de Pentecostes, ou Espirito Santo. Durante este tempo alcançará Indulgencia Plenaria todos os Fieis que, e n'intenção de obterem,

cumprirem as cinco obras satisfatorias determinadas por Sua Santidade, a saber: Confissão, Communhão, um dia de jejum, uma esmola, e a oração em visita ás igrejas pela forma seguinte:

ARTIGO 1.º

O dia da confissão e communhão é deixado á escolha de cada um, com quantoseja mais perfeição que, no caso de serem as visitas ás igrejas feitas em mais de um dia, se receba o Sacramento da penitencia no primeiro e o da Eucharistia no ultimo; advertindo, porém, que esta Confissão e communhão devem ser distinctas das da desobriga, embora anteriores a esta.

§ unico. Os meninos que ainda não tenham feito a 1.ª Communhão, estão' ella dispensados, e os seus Confessores a commutarão em alguma obra de piedade ou religião ao seu alcance.

ARTIGO 2.º

Fica igualmente ao arbitrio de cada um escolher o dia de jejum, uma vez que com elle não coincida outro jejum prescripto pela Igreja. Esta obrigação é imposta a todos os adultos sem distincção, mas pode ser commutada pelos Confessores em outra obra de piedade ou religião aos que estiverem legitimamente impedidos.

ARTIGO 3.º

A esmola poderá ser, em quanto ao valor, conforme a devoção de cada um, quer em dinheiro, quer em especie, uma vez que seja dada a pessoa pobre ou a estabelecimento pio ou de caridade; e ninguém d'ella é dispensado.

ARTIGO 4.º

Para as visitas ás igrejas, attendendo á extensão d'esta cidade do Porto, designamos:

1.º Na parte oriental as igrejas da Sé Cathedral, Irmandade de Nossa Senhora do Terço e Caridade e Mosteiro de Santa Clara.

2.º Na parte occidental, as igrejas da Irmandade dos Clerigos, S. José das Taipas e Nossa Sennora do Carmo.

Estas visitas deverão ser feitas em dous dias, mas não é necessario que sejam seguidos.

ARTIGO 5.º

Em quanto ás outras freguezias da diocese, os respectivos Reverendos Vigarios da Vara designarão as igrejas parochiaes que possam constituir um grupo de trez para serem visitadas pelos seus parochianos nos ditos dous dias, se n'isso não houver para elles incommodo. Havendo, porém, podem designar quer a igreja parochial somente, quer esta com uma ou duas capellas publicas dentro da freguezia; advertindo que, se o templo visitado é um só, deverão as visitas ser em seis dias; e, se forem dous, serão em tres dias seguidos ou interpellados. E pelo que respeita ás tres freguezias de Paranhos, Campanhã, e Villa Nova de Gaya, auctorisamos os seus Reve-

rendos Parochos a procederem em conformidade com o disposto n'este artigo.

ARTIGO 6.º

Reduzimos estas visitas a uma só, quando feita processionalmente pelo Reverendissimo Cabido, Collegiadas, Irmandade, Confrarias, Collegios, e Reverendo Parocho, ou um Presbytero seu delegado, com os seus parochianos; e da mesma redução poderão aproveitar-se todos os Fieis, que se aggregarem á procissão, embora não pertençam á corporação que a faz.

§ unico. No caso previsto no artigo antecedente de serem só duas igrejas visitadas, esta procissão será feita duas vezes no mesmo dia; e, sendo uma só igreja, será a mesma procissão feita tres vezes em volta do adro, entrando na dita igreja no fim do giro e tornando a sahir.

ARTIGO 7.º

Ficam dispensadas d'esta visita as Religiosas, e mais pessoas que vivem em clausura, bem como os encarcerados; e podel-hão ser pelos respectivos Confessores as que por impossibilidade physica ou moral estiverem impedidas, com tanto que assim ás pessoas clausuradas como impossibilitadas seus Confessores lhes commutem as visitas em alguma obra de piedade, ou lh'as adidem para um tempo mais proximo, podendo ser.

ARTIGO 8.º

A escolha das orações n'estas visitas fica ao arbitrio e devoção dos Fieis, uma vez que sejam feitas em geral pela intenção do Santo Padre; mas, para cortar duvidas ou hesitações, declaramos que satisfará cabalmente a esta obrigação quem rezar cinco Padre-Nossos e cinco Ave-Marias.

ARTIGO 9.º

Terminado o tempo do Jubileo, ainda o poderão alcançar os navegantes e viajantes, se, chegados ao seu domicilio, cumprirem as obras prescriptas e visitarem a respectiva igreja parochial por seis vezes.

ARTIGO 10.º

Aos Reverendos Parochos e Confessores por Nós approvados com Provisão ou licença por escripto, e domiciliados n'esta diocese, ou nas limitrophes de Braga, Lamego e Aveiro, damos jurisdicção:

1.º para confessar quaesquer pessoas de ambos os sexos e mesmo Religiosas que os escolham;

2.º Para as absolver de quaesquer casos reservados e censuras, e aos Ecclesiasticos, da irregularidade occulta proveniente de violação e censura;

3.º Para lhes commutar quaesquer votos em outras obras pias e salutaras.

§ unico. N'estas amplas facultades supra não se comprehende, antes é expressamente exceptuada:

1.º a dispensa de outra qualquer irregularidade quer publica, quer occulta, alem da supra mencionada.

2.º a dispensa da obrigação da restituição a quem fôr devida;

3.º a absolvição dos casos reservados pela Bulla do Santo Padre Bento XIV. *Sacramentum Penitentiae*;

4.º a absolvição das censuras impostas no fóro externo, salvo o caso dos penitentes não poderem cumprir o que devem dentro do prazo do Jubileo, mas prometterem cumpri-lo depois; porque então poderão ser absolvidos, mas só no fóro interno e para o fim d'esta Indulgencia Plenaria;

5.º a commutação dos votos de castidade, religião, e obrigação acceite por terceiro.

ARTIGO 11.º

Finalmente declara Sua Santidade que esta Indulgencia Plenaria pode ser applicada em suffragio pelas almas do Purgatorio mas que só para o fim de alcançar é que os Confessores poderão uma só vez fazer uso d'estas facultades extraordinarias e durante o tempo do Jubileo.

E para que esta nossa Pastoral chegue ao conhecimento de todos será publicada na forma do estylo, sendo lida pelos Reverendos Parochos á Estação da Missa Conventual no Domingo seguinte á sua recepção.

Dada no Porto e Paço Episcopal sob Nosso signal e sello aos 21 de Abril de 1879.

(Logar do X sell).

Américo, Bispo de Porto.

Conego, José Antonio Corrêa da Silva,

Secretario.

SECÇÃO SCIENTIFICA

Notavel carta dirigida a Paulo Bert, professor na faculdade de Paris, sobre o projecto da lei franceza, para a secularisação do ensino.

Senhor e respeitavel collega:

Vos sois um homem de sciencia e a vossa logica aprova de certo, que deixemos os euphemismos e artificios de linguagem para olhar para o fundo das cousas.

Aprovar-me-heis, ouso esperal-o, se tento dar á luz o fim real da nova lei, que supprime a liberdade de ensino superior e que remette a collação dos graus, isto é, a verificação dos estudos aos professores nomeados pelo Estado. Este fim é empregar a pressão da auctoridade publica para propagar vossas ideias e vossas crenças, a fim de excluir outras ideias e outras crenças; é introduzir a favor dos vossos dogmas o argumento peremptorio da força; é, em uma palavra, avassalar a doutrina christã, segundo a palavra d'ordem de Gambetta: *o clericalismo, eis o inimigo* para lhe substituir a doutrina, que é a vossa e a dos vossos amigos, o *positivismo*.

Os processos do projecto de lei são engenhosamente combinados, são de invenção inteiramente nova e poderão servir de modelo aos Machiaveis, que tentarem impôr ás raças futuras o aqamo do seu despotismo.

O projecto priva as faculdades livres de todo o reedito, decidindo que as matriculas, provas de admissão escolar, serão gratuitas; priva-as tambem de toda a auctoridade, reservando ao Estado a collação dos graus; faz mais, supprime as Universidades e as faculdades livres, privando-as do seu proprio nome, da sua herança secular que transporta á Universidade do Estado; faz ainda mais, expulsa-as da lingua franceza, privando-as inteiramente d'uma categoria para o futuro riscada do vocabulario e feita propriedade do Estado: *Agrégé, Docteur, Licencié, Bachelier*.

O projecto annulla os contractos concluidos sob a fé d'uma lei solemnemente promulgada e sacrifica os interesses d'uma classe numerosa de cidadãos; viola o principio fundamental do nosso direito publico, a egualdade perante a lei, creando capacidades arbitrarías no exercicio do ensino; enfim restabelece em proveito do Estado ou antes da maioria hoje reinante o maior dos monopolios.

Será abertamente, directamente, claramente, em nome de convicções sinceramente expressas, que a perpetração d'estes attentados é proposta aos corpos legislativos do nosso paiz? Não. E' por meios dissimulados, indignos da lealdade franceza, que os promotores do projecto empreendem assim impôr a toda a nação uma doutrina, cujo triumpho degradaria a humanidade ao nivel dos animaes.

Esta doutrina, que infelizmente se tem propagado de ha 30 annos na Universidade de França, deixa voluntariamente seus correlarios na penumbra; os seus adeptos não deduzem as consequencias logicas e não fazem conhecer as suas consequencias praticas.

Torna-se pois indispensavel fazelo em lugar d'elles e obrigar-os a aceitar publicamente a discussão no terreno das applicações.

Que é pois o positivismo? O positivismo renuncia á averiguação das causas e principios, que explicam a origem e o fim das cousas, porque nós não podemos conhecer senão as relações dos factos entre si; declara, que tudo o que se admite além dos phenomenos sensiveis não é real e que por consequencia a metaphysica é uma pura chimera. E' o renascimento do epicurismo cantado por Lucrecio, um seculo antes da era christã:

*Præter inania et corpora tectia per se
Nulla potest rerum in numero natura reliqui
Nec quæ subsensus cadat alto tempore nostros
Nec ratione animi quam quisquam possit adipisci.*

Além do vacuo e dos corpos materiaes, uma terceira natureza de cousas não pôde existir; porque não cabiria sob os nossos sentidos e não poderia ser comprehendida pelo nosso espirito.

Ou então:

Non me fatendum est.

Corporea natura animum constare animamque.

Não devemos confessar, que o espirito e a alma são de natureza corporea?

Mas será verdade, que esta philosophia e a vossa e a dos vossos amigos, é a da vossa escola? Vejamos o vosso ensino publico. Primeiramente eis a exposição doutrinal de M. M. Robine e Littré.

A philosophia positiva renuncia a toda a investigação do absoluto, quer com relação á origem das cousas, quer com relação ao seu fim. Ella coordena todo o saber humano em seis categorias, que se seguem e se encadeiam.

1.º A mathematica.

2.º A astronomia, que depende da mathematica.

3.º A physica, que depende da mathematica e da astronomia.

4.º A chimica que depende da physica.

5.º A biologia, que depende sobre tudo da chimica e tambem da physica.

6.º A sociologia, que depende da biologia.

Tal é o vasto conjunto achado por Augusto Conte, conjunto, que por si só é para o espirito o ensino mais seguro e a direcção mais segura. Graças a esta immensa descoberta, o circuito do mundo intellectual está traçado, como o foi o do globo terrestre por Vasco da Gama e Magalhães. Ella tudo abraça, desde as primeiras especulações mathematicas e os phenomenos inorganicos até os do mundo orgonazido e das sociedades (*Dict. de méd., 11.º edit., 1858, pag. 1130.*)

E vós, senhor e respeitavel collega, eis o que ensinaes.

«O alimento é, assim como todo o corpo na natureza, um mixto de materia e força.

Eu digo mixto, expondo-me, sem me importar, a severas criticas em nome d'esta sciencia sublime, que se chama metaphysica e da qual nunca comprehendi nada. Inquieto-me pouco a investigar se a força e a materia são dois poderes distinctos ou se uma é simplesmente uma propriedade da outra.

Não podendo concebê-las isola as uma da outra, nem comprehendendo a sua união, deixo de lado, sem as pesar, estas bagatellas difficeis.

Eis pois a nossa machina construida e prompta para a acção.

Temos estudado os seus orgãos, analysado as suas principaes rodas; ella aquece, está debaixo da acção do vapor, falta-lhe o machinismo, o systema nervoso.

Elle vigia ao mesmo tempo a estrada e as rodas.

Cada choque commove-o, cada movimento repercute n'elle.

Manda e o coração apressa ou retarda o seu bater, o fole pulmonar enche-se mais ou menos depressa, os agentes do movimento exterior harmonizam sua acção para a paragem subita ou para a carreira rapida.

Incorporou-se de tal maneira na sua machina, que não faz mais que um com ella e um destino commum os espera. Ella não pode existir sem elle, nem elle sem ella. Enfim a machina humana traz dentro de si um guia, um senhor cujas revoltas frequentes attestão a sua auctoridade. Este, intimamente unido a ella e cujo poder depende d'ella, assim como a sorte d'esta está ligada á d'elle, dirige-a em seus

actos exteriores ou interiores, soffre e gosa com ella ou antes por ella e quando ella se gasta definitivamente ou salta, desaparece com ella d'este mundo: é o machinista, é o systema nervoso.»

Logo o positivismo regeita tudo o que é metaphysico, repelle por consequente a idéa de um Deus creador e o dogma das recompensas e dos castigos depois da vida terrestre; para elle as faculdades, a alma humana, a intelligencia não existem; a individualidade do homem, o livre arbitrio, a liberdade são sonhos; o dever, o direito, o bem e o mal, o bello e o feio, a virtude e o vicio em sua qualidade de concepções puras, que não cahem debaixo dos sentidos, não têm nada de real e não fazem parte do saber humano.

Que achamos nós ainda no fundo d'esta doutrina, pela qual procurais corrigir na sociedade franceza, a obra civilisadora do Evangelho e de que quereis fazer como uma sorte da religião do Estado?

O positivismo apoderou-se do dominio das sciencias experimentaes, e, seguramente ninguem pensou em contestal-o, porque, em presenca dos factos materiaes, não é verdadeiramente mais que o methodo experimental sob novo nome. Seu axioma fundamental recebido de Bacon: — nada admittir como verdadeiro, senão os factos positivamente verificados pelo testemunho dos sentidos e as relações entre estes factos — impõe-se ao estudo das sciencias physicas e materiaes.

Mas graças a este axioma universalmente accettato pelos naturalistas, o positivismo pretende annexar e submeter a psychologia, a sciencia social, e é aqui que se torna necessario examinar o valor dos argumentos e dos seus titulos.

Se a materia e a força indissolvelmente unidas não são dois poderes distinctos, que é pois a intelligencia?

O concerto de todos os homens reconhece como intelligente o homem, que acerta de comprehender as harmonias do universo, e o auctor d'estas harmonias não será um ser intelligente? Até vós tendes provado, que a machina humana é mais perfeita que as obras saídas das mãos dos engenheiros mais sabios e mais habeis, e temos admirado a vossa intelligente analyse das harmoniosas combinações, e ellas não seriam obra d'um intelligente engenheiro!

A intelligencia manifesta-se, esforçando-se por comprehender o que a intelligencia não tem feito!

Se o principio vital é uma chimera, a noção de personalidade humana desvanecese, e por consequente o livre arbitrio é uma illusão, uma superstição e a propriedade pessoal é tambem uma illusão e uma superstição.

Então as primeiras bases das leis sociaes entre todos os povos civilisados desaparecem.

Não ha mais livre arbitrio, mais responsabilidade, mais liberdade, mais propriedade, pois que só resta a materia e a força indissolvelmente identificada uma com a outra.

A biologia, a sciencia da vida, a sociologia, a sciencia da sociedade, dependeriam da physica e da chimica!

Isto é, um physico-chimico poderia ex-

placar toda a vida, o pensamento, a geração e toda a sociedade, a vida social, a solidariedade dos povos!

Concordareis connosco, que nenhuma experiencia foi feita sobre este assumpto e que os adoptos apaixonados do methodo experimental são infieis ao seu principio e tornam-se os theoreticos mais temerarios, quando emprehem reconstruir a herança, que recebemos dos nossos paes, sobre este novo plano completamente absurdo de criterio experimental.

O dever e o direito, o bem e o mal, o bello e o feio, a virtude e o vicio, a liberdade, a igualdade e a fraternidade concebidas pela intelligencia pura, são as bagatellas difficeis, que podes de lado sem custo; são objectos principaes d'esta sciencia metaphysica, á qual desdenhaes applicar as faculdades intellectuaes raras e imminentes, que nos foram concedidas.

Que poderia ser uma sociedade, na qual tudo fosse regulado pela mathematica? Tudo desde o amor materno até ao amor da patria, tudo, o dever e o direito, a verdade, o sacrificio, a confiança, a admiração, o enthusiasmo?

Concluso, senhor e respeitavel collega, que vós obrigaes a alistarem-se contra vós, com os partidarios convictos do methodo experimental, todos aquelles dos vossos admiradores, que comprehendem a liberdade, a igualdade e a fraternidade d'outro modo, que os despotas hoje factores de leis, amanhã sanguinarios, que carrêa a onda oscillante do suffragio universal.

J. JEANEL.

(Extrahido do «Jornal das Sciencias Medicas» de Lille.)

SECÇÃO CRITICO-BIBLIOGRAPHICA

Ainda Saraiva e Castilho

I

Esta obra não tem um scópo unico; é um mosaico, uma miscellanea em prosa e verso, consoante o seu mesmo auctor a intitula: comprehende assumptos diversissimos desde o interessante carteo entre os dois litteratos portuguezes e desde os *poemetes* do «Natal» e do «S. João», até ao picaresco dialogo de «Moquenco e Pacovio» e á caricatura da famosa rapsodia do Pato (ex Bullhão) sobre Renan. Tem portanto o attractivo das mezas variegadas, que offerecem aos convivas ignarias para os paladares de todos, ainda os mais pechosos, e tem o privilegio dos jardins botanicos que nos apresentam no espaço de poucos metros as plantas das zonas mais oppostas.

A primeira cousa que naturalmente impressiona, ao ler-se «Saraiva e Castilho», é a intima e familiarissima amizade que subsistia entre ambos, amizade tão antiga que contou 53 annos de

existencia e que ainda hoje, certo, duraria se a morte não roubasse o segundo ao estremecido affecto do primeiro. E era ao mesmo passo tão pura, tão estreme, tão nobre que a accentuada divergencia das opiniões politicas, que entre elles militava, não a rompeu nem sequer a empanou.

E' a amizade um sentimento que eu tenho em subida conta, porque rareia cada vez mais, como se o coração, sugeito, assim como outr'ora o globo, a um arrefecimento progressivo, já não fosse susceptivel d'aquelle grau de calor em que a fusão da amizade se opera, ou como se os caracteres coevos, polidos demais pelo attrito da civilisação secular e em grande parte materialisadora dos nossos dias, tivessem perdido aquelle aroma ou encanto moral, que só a natureza dá, e inspira as profundas sympathias, precursoras da amizade.

—Castor e Pollus não passavam de uma allegoria, que reflectia sublimes realidades; temo que ella tenha entrado no dominio do puro mylho. A maternidade continúa a gerar por vezes filhos gemeos, a sociedade é que parece já impotente para gerar corações gemeos. A amizade é um sentimento generoso, por tanto espiritalista: que admiração que emigre do globo, banido pela invasão do algido interesse, filho mais velho do utilitarismo reinante?

Por isso, tanto mais me deleita de-vassar na correspondencia entre Saraiva e Castilho esse dialogo aturado que tem toda a intumidade de um monologo, e essa liberdade absoluta que não está a pezar expressões, porque não teme offender, nem recebidas as sublinha malevolamente, porque as interpreta o infallivel criterio da affeição. Ali, melhor do que em todos os seus escriptos, se pôde conhecer o espirito e a indole dos dois celebres litteratos, porque nos apparecem taes quaes são, na espontaneidade do seu natural respectivo, sem o artificioso *toilette* do escriptor que se mira ao espelho da fria reflexão, que se alinha, que se afivella e toma attitude, para apparecer convenientemente em publico, e quasi desafia-o com o *quis arguet me* do Evangelho.

Vá de prova. Diga-me o leitor se a colleção completa das publicações de Saraiva desde o *Tractado de commercio entre Portugal e a Gran-Bretanha* até aos seus ultimos artigos publicados no «Apostolo», nos desenham tão ao perfeito natural o seu viver singelo, humilde e quasi homerico (para quem um creado é demais) como estas poucas linhas da sua «Carta-monstro» a Castilho: «Quasi sem me levantar da minha cadeira, chego com a mão aos livros, ás correspondencias, ao papel, ás diferentes provisões, á garrafa de tinta, ao tinteiro, ao carvão, ao lume, ao chá, etc.; e não

é raro segurar na bocca a penna, interrompendo subitamente a escripta, para acudir ao leite ou café que sobre-fervem e fogem da chocolateira, ou para escumar a minha panellinha; continuando immediatamente a tarefa escrevinhante.» (Pag. 67 do seg. vol.)

Outro qualquer não se poderia affazer a este systema de vida, primitiva em extremo: mas a Providencia teve o cuidado de aclimar com tempo a indole de Saraiva ás peripecias que teriam de saltar-o. Elle proprio nol-o diz jovialmente, algumas linhas abaixo: «Com que profunda sabedoria o Creator apropriou, em geral, os caracteres á sina que aos individuos decreta! Outra prova para mim não seria precisa da presciencia divina: ha n'isso a mesma providencia que em dar aos gatos os sete folegos de que precisam para impunemente poderem cahir de outros tantos telhados!» (Pag. 68.)

II

A quem quer que percorrer as paginas do livro que analysamos, e de cada uma das obras do sr. Antonio Ribeiro Saraiva, torna-se claro que o auctor tem uma *ideia fixa*, que jámais o abandona; uma ideia obstinada, que vem sempre interpor-se-lhe no meio dos assumptos que com ella parecem haver menos analogia ou parallelismo, como a paixão de Romeo se lhe interpuha implacavel no meio do seu dialogo com Benvolio. Esta ideia fixa é a politica. O auctor chama-lhe «o seu vicio antigo». (2.º vol., XIV.)

A politica caracteriza todas as suas produções como *resumo toda a sua longa vida*, e exprime adequadamente a sua mais pronunciada aptidão e vocação social. Posto isto, o que estranhasse que a penna lhe refuja sempre para essa dama favorita, seria exigir que Saraiva d'alguma sorte se *despeçoasse*, passassem-me o termo.

Partidario convicto da legitimidade, amigo dedicado e prestimoso do seu falecido rei D. Miguel I, pelo qual trabalhou, sacrificou o ultimo seutil e se sacrificou a si mesmo condemnando-se a um degredo voluntario, o illustre portuguez pugna de vizeira erguida pelo seu partido, evoca de continuo o vulto extinto do passado que lhe sorri como lhe sorri a fé e a patria, e põe indignado o peito á corrente de um civilisação que elle adjectiva «de podre de madura». (XVI.)

O seu estylo iria-se alternativamente das graves côres com que se pintam os quadros tetricos da patria, e das côres vivas e acres com que se caricaturam os seus ridiculos. Outras vezes emprega aquelle mordente de voz ironico e desabrido que é a mais caustica verrina com

que se condemnam as gordas asneiras sociaes, que ainda por cima pavoneiam de alevantados progressos. E' então que a penna de Saraiva se tinge do verdete e se embebe no sal talvez em excessõ humoristico de José Agostinho, quando actuava á barra da opinião publica os *arruamentos* de Lisboa, o padre Ignacio, da Bahia, e os dignissimos pataratas da «Borboleta». N'essas occasiões as paginas do auctor gotejam sangue, porém quem ousará affirmar que esse sangue não seja aquelle que sangra dos corações profundamente portuguezes, quando contemplam a senhoril matrona, chamada o Portugal das antigas glorias, a invejar as prostituições de uma ignobil barregã?

Guardar-me-hei de entrar aqui na apreciação das doutrinas politicas de Saraiva ou de exarar uma só phrase que as caracterise. Esta revista é vedada á politica partidaria, conforme o declarou no seu programma, do qual não arredará pé. Mas não é politicar o prestar homenagem á honradez, ao caracter integerrimo, á constancia inquebrantavel do snr. A. R. Saraiva, a quem a adversidade não marcou até hoje as convicções, nem poude arrancar á terra do exilio, trocando-lhe «travos por favos», segundo a expressão d'um poeta portuguez.

Ainda assim... talvez que se elle lèr estas linhas, lhes responda: «O Portugal d'hoje, tão differente d'aquelle em que me criei, se n'elle vivera seria para mim peor que o exilio.»

Expatriou-se com o seu rei, minorou-lhe por muitas vezes as agruras da proscricção, e para não trahir a religião do juramento desceu do gairim da diplomacia a que o elevára o seu merito de estadista á modestissima posição de um simples vendedor de vinhos portuguezes na *City* de Londres. Ouçamol-o: «Então resolvi tentar o executar eu mesmo, se podesse, um projecto que, antes de cair o governo de El-Rei, eu tinha só concebido promover para utilidade do reino, qual era a introduccão aqui dos nossos deliciosos vinhos de Lisboa e outros que ninguem (em Londres) conhecia; em quanto cá se consumem quantidades immensas de outros, francezes, hespanhoes, sicilianos, etc., que não são para ser servos dos nossos mencionados.» «...Taes foram os esforços que fiz, o trabalho a que pessoalmente me dei, lidando eu proprio, engarrando por minha propria mão os vinhos, etc., que ia andando, e com alguma esperança d'arribar assaz fundada, etc.» (2.º vol. p. 55, 56).

Para esta firmeza d'antes quebrar que torcer n'uma epocha de tão estiradas elasticidades da consciencia, de tão mortaes quedas da honra, de tão faceis apostasias politicas e ignobis abjecções de caracter, para esta firmeza, digo,

que se guinda até aos heroismos que não se informam dos dictames de um interesse aliás licito, não ha mais que uma linguagem em todas as linguas e em todos os partidos, a da reverente admiracção.

Do mesmo modo, pôde-se, sem razar as fronteiras da politica, applaudir os rojões do mais penetrante acume, com que elle farpeia lá de longo os flancos de uma falsa liberdade, que por cá tripudia a sua perenne lupercal e traz sempre no labio prostituido o odio á Igreja, ao clero, ao papado, sem conhecer outro respeito mais que o respeito do mal, nem outra tendencia senão o arrazamento do que é verdadeiramente grande e glorioso.

Resta-nos fazer uma leve apreciação propriamente litteraria de «Saraiva e Castilho».

PADRE SENNA FREITAS.

Os nossos bispos na camara dos pares

**Discurso de S. Exc.ª Rev.ª o
Snr. Bispo de Bragança
e Miranda**

na sessão de 12 de março

(Conclusão)

N'estas condições havia collegio; mas não tinhamos missionarios: era afflictiva esta situação. E como sahir d'ella? Poderia o estado tomar a seu cargo constituir patrimonio a todos os alumnos que houvessem necessidade d'elle? Podia: seria mesmo justo: mas não era realisavel certamente este alvitre, porque no decurso de tempo importaria avultada verba.

Concessões mui limitadas havim apenas sido obtidas, para que um ou outro prelado ultramarino podesse ordenar, a titulo de missão, alguns dos seus subditos.

Procurei remediar esta deficiencia com a qual as nossas missões não podiam progredir; conferenciei com o sr. ministro Andrade Corvo, e tomei sobre mim este negocio.

Fui á fonte propria: bati á porta do pae commum dos fleis, e elle attende-me; deu mais do que eu lhe pedi. Representei ao summo Pontifice, só em meu humilde nome, como superior dos missionarios do real padroado portuguez, qual era a situação dos alumnos do collegio, e como ella influa na das missões em geral.

Não foram necessarias negociações diplomaticas, nem protecções ou empenhos: fui attendido, e tão plena foi a pro-

videncia que da auctoridade apostolica dimanou, que, tendo sido entregue a representação ao encarregado dos negocios da Santa Sé em Lisboa, Monsenhor Mattêra, em meiado de maio, no dia 26 de junho me communicou a graça pontificia pela qual ficava concedido aos alumnos do collegio das missões ultramarinas portuguezas o privilegio, sem limitação de tempo, de serem ordenados a titulo das missões, substituido por este titulo o de patrimonio canonico: eu havia na minha representação ponderado como pelo governo portuguez era, por meio de providencias legaes, garantida a congrua sustentação dos missionarios durante seu exercicio, e depois de concluido elle, pois que n'esta segunda condição os missionarios teem residencia e sustentação no collegio querendo recolher-se n'elle, e ahí preferem para os cargos, a que se acharem habilitados; e não querendo recolher-se ao collegio teem direito a uma prestação do thesouro publico emquanto não forem providos em beneficios, para os quaes teem preferencia em igualdade de circunstancias.

Mui benemerito foi para nós em todo este empenho o referido Monsenhor, encarregado dos negocios da Santa Sé.

Para mim é respeitavelmente muito satisfactorio poder assim referir perante a conspicuidade d'esta camara quanto o supremo Chefe da Igreja por este especialissimo privilegio tão amplamente auxiliou as missões portuguezas: pois que se podemos ter copia de missionarios a esta graça o devemos: e a presteza em a conceder demonstra bem solicitude e affecto de pae. Além d'isto abundantes e repetidas teem sido as graças espirituaes concedidas pela nunciatura apostolica aos missionarios do nosso collegio, tendentes a promover a piedade dos fleis; e não menos a authenticar a consideração em que são tidas pela Santa Sé as missões portuguezas, sempre que são promovidas.

Em verdade commemorado deve assim ficar para a nossa gratidão este beneficio, pelo qual não só obtivemos meios de aproveitar as vocações de todos, quantos se sentem interiormente chamados para o heroico ministerio de missionar, mas adveio ao estado portuguez para esta ordem de serviço a importancia de valores correspondentes aos de tantos patrimonios, quantos os alumnos que indefinidamente são e hão de ser ordenados: os pobres obtêm meios de ficarem socialmente collocados, como de outra sorte o não conseguiriam; as familias, que haveriam de constituir patrimonios a seus filhos com o duplicado sacrificio das pessoas d'elles, e dos bens, que lhes vinculavam, alliviadas se acham n'esta segunda parte; e até a economia geral tem a vantagem de não soffrer a falta de giro, que resulta das vinculações da

propriedade; foi um importantissimo auxilio, um poderoso beneficio que recebemos da Santa Sé: a religião e o estado mutuamente interessaram.

Facilitada assim a ordenação, tem affluído alumnos ao collegio; não tantos que se possa julgar especulação, mas bastantes, a ponto de não chegar para tantos a capacidade do edificio de Sernache.

Com o concurso d'este meio tem podido ser enviados para as missões ultramarinas, desde o anno de 1875, vinte e dous missionarios, alumnos do collegio; e juntando mais quatro, que em abril proximo devem fazer viagem para a Africa, perfaz o numero de vinte e seis.

Estes missionarios acham-se distribuidos pela fórma seguinte, segundo a designação que lhes tem sido feita pelo governo: Para Cabo Verde, um, que era d'alli natural; para Angola foram quatro, mas um transitou para Timor, acham-se alli tres, um dos quaes visitou em missão o Congo; para Moçambique foram tres; para Macau onze, dos quaes estão na missão de Timor sete, e em Hai-nan um; para S. Thomé e Príncipe quatro: os que em abril devem fazer viagem, são destinados dous para esta mesma localidade, e dous para Guiné.

Não é muito, mas é alguma cousa; isto tem sido nos cinco annos da minha gerencia. Anteriormente outros alumnos, cujo numero não tenho presente, haviam sido enviados a diversas localidades das missões ultramarinas.

Se nos dourados tempos da fé, em 1577, no Japão, aonde as nossas missões floresceram (e a fé entrara em 1529), julgou-se avultada uma missão de quatorze padres jesuitas, que n'aquelle anno fora enviada de Goa, como se acha commemorado nas chronicas, não parecerá mui escasso o numero de vinte e seis missionarios, enviados pelo collegio de Sernache do Bom Jardim, durante o prazo de cinco annos; e é de advertir, que no fim do presente anno lectivo outros mais serão enviados para as missões, que lhes couberem.

N'aquelles memorados tempos de tanto fervor, e com o valioso auxilio das ordens religiosas, o numero de quatorze missionarios, enviados n'uma frota, era considerado missão importante; pois agora, nos tempos de nossa tão exagerada frieza e desleixo, sem concurso de congregações organisadas, e com um collegio, unico, só em 1875 foram doze missionarios portuguezes enviados ás missões do padroado real habilitados todos com o curso completo de preparatorios, e tres annos de estudos theologicos, e frequentes exercicios espirituaes.

Não será para aqui dizer, se estes missionarios são dignos de louvor; mas estou convencido, que fazem muito bom

serviço á religião e á patria; apontarei apenas alguns leves traços.

Está actualmente no Ambriz um missionario, que foi parochio em Icole o Bengo, e estabeleceu alli uma escola. Abriu-a em dia de Santo Antonio, e em setembro do mesmo anno enviou-me cartas escriptas pelos seus alumnos, que não tinham conhecimentos alguns quando começaram a frequentar a escola; e talvez estejam presentes alguns dignos pares, a quem eu mostrasse essas cartas.

O Snr. Sequeira Pinto:—Apoiado.

O Orador:—E' este um dos missionarios dignos que têm ido para o ultramar.

Em Chiloane e Sofalla, um missionario zelosissimo creou uma escola, e, n'uma carta que me escreveu, admiram-se os encomios que elle faz aos seus queridos discipulos. Acha-os talentosos, muito esportos, muito doces, e conta d'elles maravilhas.

Este missionario percorreu todo o districto em missão; arranjou esmolas, levantou uma capella, no que foi coadjuvado pela digna auctoridade do districto. E manda a verdade que se diga, que em toda a parte aonde chegam os missionarios, as auctoridades, principalmente as militares, dão-lhes toda a protecção.

Honra seja a uma classe tão digna, á qual não posso deixar de prestar este tributo de homenagem.

Dos outros dois missionarios de Moçambique, um mereceu a confiança do Prelado para dirigir o governo da prelazia durante sua ausencia em visita; o outro dirige o seminario, e promove a creação de um asylo.

Em um ponto de Angola havia um missionario que não tinha casa para residir, e o governador militar cedeu-lhe parte da sua; não consentiu que tractasse dos arranjos economicos, querendo elle fornecer-lhe tudo quanto era necessario. O missionario teve o desinteresse de por pouco tempo se utilizar.

E' esta a boa harmonia que reina entre os missionarios e as auctoridades militares; e se elles não fossem bem comportados, se fossem ambiciosos, se attendessem mais ás vantagens proprias, do que aos exercicios do seu ministerio não seriam assim tractados.

O missionario, que foi em visita ao Congo, refere varios episodios em seu relatorio, uns bem tristes e mais de um respeito; outros expressivos do respeito e confiança que um missionario portuguez inspira n'aquelles povos. Nas alternativas d'estes contrastes gosou de consolações; mas não menos abarbou soffrimentos moraes e physicos.

A missão de Timor pôde-se apresentar como typo das missões perfeitamente organisadas.

Dirigida por um missionario, que é

o seu Vigario, tem organizado a administração, tem estabelecido a ordem, tem feito edificações, sendo, entre estas, a da igreja principal da ilha, e tem sido altamente coadjuvado pela auctoridade militar do districto.

O relatorio d'este digno Vigario é um documento de muita valia; e, nas cartas de sua correspondencia, que eu conservo, é dado honroso testemunho do bom serviço e dedicação dos missionarios, alumnos do collegio: elle o havia sido em tempo; mas foi para a sua missão de Macau, antes de eu ter o cargo de superior do collegio.

Por esta fórma as missões não só têm o character santo do bem das almas, que illuminam com a fé para a salvação eterna; não só moralisam os povos barbaros, ensinando-lhes as maximas do Evangelho; mas, além d'este character seu proprio e directo, que é tão lucrativo espiritualmente, tambem temporalmente a favor do estado o exercem com resultados mui proficuos. Esta mesma aquisição da ilha de Timor veio ao estado portuguez pacificamente em resultado de uma missão religiosa da ordem de S. Domingos, aquisição para a qual não se desfalcou o thesouro, não se disparou um tiro, não foram sacrificadas vidas; e Timor é nosso, e será uma possessão importante, se a fé ali for cultivada, se a missão evangelica tiver o devido fomento.

Quando, porém, as missões não produzam resultado lucrativo, que não seja senão o espiritual, esse é bastante para que uma nação que felizmente não se acha materialisada, uma nação como a portugueza, que preza e sempre tem caprichado de prezar mais os principios do que os interesses, tenha muito a peito desempenhar o providencial destino, que tanto lhe tem cabido, de levar o verdadeiro conhecimento de Deus aos povos que o ignoram, de plantar a cruz onde a civilisação haverá de florescer, ou imperios sejam fundados: Pedro Alvares Cabral levantou no Brazil uma cruz; á sombra d'ella brotou um imperio.

Se vou tractar agora da missão da China só uma saudosa memoria me deveria occupar. Resta-nos apenas uma debil centelha d'aquelle grande brazeiro do religioso fervor portuguez; essa devemos prezar como para padrão de restaurar nosso credito. Alli não nos levam por agora de certo interesses materiaes: não importa isso para eu chamar e pedir muito as attenções do illustre ministro que dirige os negocios do ultramar e que me está prestando mui benevola attenção.

A ilha de Hai-nan é a porção da China que actualmente está confiada ao nosso zelo religioso. Dois missionarios do collegio de Sernache enviados já em meu tempo estream esta missão, que

se achava servida por missionarios francezes; um d'elles, o primeiro, foi transferido por o snr. Bispo de Macau, penso que para Timor, o segundo e muito digno encontrou-se totalmente desacompanhado e a mais privado da protecção de auctoridade publica pela qual a segurança de sua pessoa se ache garantida.

Os trabalhos, as difficuldades, o mau agasalho, e as privações de toda a especie por um e outro soffridas, fazem confranger-se o animo só de as ler! E a mais aecresce a confrontação do auxilio, e garantias de que os missionarios francezes alli gosavam em consequencia de tratados havidos com a China, e que nós não temos.

Torna-se indispensavel que procuremos celebrar um tractado ou accordo com o imperio chinez e que já teve começo, mas está sem effeito por equívocos de traducção, segundo estou informado. Sobre esta indispensabilidade é que eu invoco toda a attenção e actividade do snr. ministro, de cujas intenções mui certo já estou.

O primeiro d'aquelles nossos missionarios logo á sua entrada viu correr-lhe perigo a vida!

Aquelle que sobre estas informações não hesitou em ir substituí-lo, certamente tocou o ponto do heroismo; seu nome é José Maria da Cruz Simeão.

Lerei alguns trechos do que elle me escreve em carta de 30 de novembro ultimo:

«Pouco lisonjeiras são as noticias que d'estas paragens posso transmittir. Acho-me completamente isolado, tendo sido transferido d'aqui o padre Garcez para Timor.

«Encarregando-me o snr. Bispo da direcção d'esta missão e que seria aliviado d'ella logo que as circumstancias o permittissem, acho-me ainda no meu posto, não obstante a impossibilidade de por muito tempo podermos continuar n'esta missão, se as nossas relações com a China não tomarem outro aspecto. De parte a nossa situação politica perante este imperio e que mais sensível se torna por causa do apparatuso prestigio que aqui exerceram os francezes, esta missão não compensa os sacrificios de toda a qualidade que ella exige.

«Nem uma consolação para o triste missionario que tendo de procurar os 800 christãos, de que consta, disseminados em vinte povoações, algumas das quaes distam a mais de 40 leguas, encontra pela maior parte indifferença e até desprezo, ou quando muito curiosidade.

«A mudança do traje, dos usos, dos alimentos; as difficuldades da lingua, as durezas do trato e o mau trilho dos caminhos, as angustias de muita especie, e os perigos sempre iminentes e sem abrigo; tudo é para mais virtude do que a

minha, e reclama um perfeito modelo de Xavier e de João de Brito.

«Todavia Deus Nosso Senhor em sua infinita bondade tem sido prodigo em dispensar-me a sua graça, apesar da minha falta de correspondencia. Na passada quaresma pude dar começo aos trabalhos do confessionario. Deus louvado, julgo poder afirmar que tambem em Hai-nan Deus tem os seus eleitos, e que este numero é susceptivel de augmento logo que o missionario conheça bem os costumes, e alguns dialectos da ilha: e perante as auctoridades chinas tenha garantidos os seus direitos, e a liberdade concedida aos subditos de outras nações».

A camara ouviu certamente com interesse a leitura de um documento sobre tão peregrino assumpto, e concebido em phrase de tanta firmeza e comedido estylo, que por isso me parece ser bello.

Em separado enviou-me um resumido esboço de seu serviço religioso em 1878: ainda o leio, porque de Hai-nan escasseiam as noticias.

«A missão d'esta ilha, escreve elle, estabelecida no meiado do seculo XVII pelo padre Bento de Mattos, missionario jezuita portuguez, n'essa epocha muito florescente, contando-se na capital Kempteo-fu 3:000 christãos: hoje, porém, segundo o ultimo arrolamento feito por um missionario francez conta dispersos por toda a ilha 834.

«Pela minha parte no anno corrente administrei 138 confissões annuaes repetidas 55; matrimonios 2; baptismos 12.»

Não é certamente muito; mas tambem não se pôde dizer que seja pouco para um missionario novel ainda no primeiro anno de sua missão em condições tão pouco lisonjeiras; prova-se que não esteve ocioso.

Não preciso dizer mais para se saber como são dignos de consideração os serviços d'estes missionarios e de outros, que são filhos do collegio das missões.

Que ha pois, a fazer com estes elementos? Nós podemos fazer alguma cousa; mas o collegio das missões não pôde sustentar actualmente mais de cincoenta alumnos, porque não tem capacidade para mais. Os pedidos são numerosos, como já aqui observei, e ha na secretaria do collegio mais de vinte requerimentos, e muitos pretendentes não requerem, porque não têm meios para em suas localidades frequentar estudos, e não podem ainda ser admittidos no collegio, senão á proporção das vacaturas que se forem dando; e estas por ora ainda são poucas, porque os estudantes de preparatorios estavam atrasados, e os exames são austeros; como bem é que sejam.

No começo d'este anno acrescentei eu, com approvação do governo, pelo ministerio da marinha, uma aula de lingua konkani, para alumnos que hajam de mis-

sonar nas terras da India portugueza: outras de dialectos africanos desejo eu tambem estabelecer, e não o tenho conseguido por falta de professores. Assim mais demorados irão sendo os cursos.

Não sae do collegio nehum missionario, sem ter completado os estudos preparatorios, e o curso theologico o qual dura tres annos.

Estas cousas não se fazem sem tempo. Não tem havido, por isso, tantas vacaturas, quantas seriam necessarias para as admissões requeridas.

O remedio para as consequencias d'esta demora acha-se previsto na lei de 12 de agosto de 1856.

N'esse sentido apresentei eu aqui ha alguns dias um projecto, para se estabelecer um collegio filial do que existe em Sernache do Bomjardim, aproveitando-se o convento de Chellas, nos suburbios de Lisboa, que está devoluto.

N'esse collegio filial, estabelecido dentro das facultades da citada lei, desejo eu estabelecer, como expressada vae no indicado projecto de lei, uma secção para ensino de artes fabris e estudos agronomicos e hygienicos, pois succedeu haver, como já aqui referi n'outra occasião, vocações para o serviço humanitario e religioso em alumnos, que por varias circumstancias não podem consagrar-se ao estado ecclesiastico, mas desejam empregar-se em o coadjuvar no serviço das missões. Para aproveitar estas vocações desejo eu abrir aquella secção; e persuado-me que ha de dar bons fructos, e ser concorrido por filhos de gente pobre e moralizada.

Estes alumnos terão no collegio vantagens como os ecclesiasticos, sustento, vestuario e instrucção: assim elles tomarão uma habilitação util, honesta e meritória, como consagrada directamente ao amor de Deus, á dedicação humanitaria, ao honroso serviço da patria: não precisam mais pensar, nem de pae nem de mãe, senão para os respeitar, e um dia serem-lhes uteis, quando elles o necessitarem.

Esses alumnos deverão tambem, pela mesma forma que os ecclesiasticos, comprometter-se a ir servir as missões, conforme o regulamento do governo prescrever.

Serão estes os coadjutores dos missionarios propriamente ditos, porque, em quanto estes ensinam a doutrina, aquelles ensinam a fazer a casa, desbravar o terreno, a crear os gados, a manipular os productos vegetaes, a combinar e fundir os metaes; enfim, ensinam as artes uteis e fabris.

Os missionarios não se acharão sósinhos nos seus exercicios religiosos; têm aquelles bons companheiros para os auxiliarem.

Este é o pensamento que presidiu á redacção do projecto, que apresentei, e

que está dependente da approvação do snr. ministro da marinha, e da do parlamento, para a concessão definitiva do referido convento e de sua dotação; o rendimento em titulos e foros não excede 5:000\$000 réis.

Ha pouco recebi uma carta do meu digno collega, o snr. Bispo do Funchal, que teve conhecimento d'este projecto, e na qual me diz que muito desejava, e era muito facil, estabelecer tambem na sua diocese collegio filial de missões.

Expõe as vantagens com que esse collegio poderia ser creado, e entre ellas apresenta a consideração, de que o Funchal é uma terra essencialmente marian-te e um ponto naturalmente adaptado para servir como escala de aclimação aos missionarios, que do continente passam aos ardentes climas da Africa, bem como de restaurador de saudes, que logo de começo sejam affectadas.

Esta ideia de animação das missões vae-se ramificando; é como um novo incentivo de fé religiosa e de amor da patria; é um campo de descobertas e de conquistas não menos heroicas do que as dos seculos XV e XVI, menos ostentosas e lucrativas por certo, menos ambiciosas tambem, mais humanitarias e talvez mais seguras.

Preocupa-nos o estado da nossa Africa, temos approvado companhias exploradores e concessões, vamos mandar para lá artilheria e força militar; emfim vae-se estabelecer alli um governo mais proprio para sustentar a dignidade nacional: são providencias adequadas.

Mas as missões tambem são muito necessarias para acudir ás necessidades moraes e religiosas d'aquella parte d'esses povos, que já são christãos, e d'aquelles que, por não serem, nós encontramos inimigos; façam-se elles discipulos do Evangelho, adoradores da cruz santa, e não serão mais inimigos de quem estes elementos lhes leva: não se prefira saltar barreiras, marchemos pelo caminho chão; não se derrame sangue, diffundase antes a luz.

Mór vantagem vae com o ensino dos ignorantes, do que pelo castigo dos embrutecidos.

Obras de caridade são armas que tudo vencem, linguagem que todos entendem: assim escrevia o grande apostolo das Indias, achando-se n'uma ilha onde não tinha interprete, e os povos eram indomitos.

Todos nós sabemos mais ou menos pelo que se tem dito e escripto, o estado de abandono em que hoje se encontram em grande parte as cousas religiosas na Africa portugueza.

No Ambriz, localidade importante, a igreja parochial, que era, penso eu, de pallissada, arruinou-se de todo: o parochio tem de celebrar na sua residencia os actos parochiaes.

Na Guiné, mesmo no local onde se deu a ultima catastrophe, Bolor, prestou muitos serviços em 1838 um parochio, que até mereceu ser condecorado, o padre Marcellino; pois hoje não ha n'aquelle sitio nenhum padre! A igreja está arruinadissima e sem culto.

Isto dá-se em Bolor, não devemos querer que as cousas alli corram como infelizmente correram (*Apoiados*).

Eu repito o que já disse aqui n'outro dia, que havia muitos pontos das nossas colonias onde mais valia um missionario do que cem bayonetas: ainda o repito. (*Apoiados*)

Os negocios ecclesiasticos do ultramar reclamam particular attenção.

Annexa á respectiva secretaria d'estado existiu uma comissão ecclesiastica (não funciona actualmente creio eu).

Reorganizada essa comissão, e funcionando regularmente, estudaria o estado das cousas religiosas no ultramar; e n'esta parte especialissima, dando a conhecer as informações que apurasse, poderia coadjuvar a acção do governo; propondo os meios de acudir aos negocios ecclesiasticos ultramarinos.

Este auxilio seria util porque o ministerio da marinha, na parte que diz respeito ao ultramar, é realmente um *mare magnum*, reúne attribuições de todas as pastas.

Nas novas conquistas da India portugueza acha-se mui descurada a propagação religiosa; indicarei as condições de algumas localidades. Por exemplo: Pernem na extensão de 240 kilometros quadrados, contendo 26 aldeias com 3:830 habitantes catholicos e 19:900 não catholicos, tem só duas parochias. Satari com 440 kilometros quadrados, 85 aldeias, conta 460 catholicos e 7:000 não catholicos, e tem uma só parochia. Caorá com 909 catholicos e 1:010 não catholicos não tem parochia. Balli e Anagrar acham-se nas mesmas circumstancias.

Curemos pois, efficaz e dedicadamente do estado religioso no ultramar; não só a causa de Deus, mas, e por isso mesmo, muito a da patria nossa, fidelissima, portugueza, assim o reclama com instancia: os votos d'esta e da outra camara têm-se pronunciado na presente sessão, e acham-se accordes, como votos legaes do paiz: todos querem que sejam efficazmente promovidas as missões.

Temos um collegio central, estabeleceram-se os mais que nas condições da lei forem julgados conducentes para o resultado que se procura.

Conveniente seria que nas principaes localidades ultramarinas, e digo principaes enquanto a necessidades religiosas, fossem estabelecidos collegios ou depositos de missionarios, que certamente podem melhorar muito o espirito d'aquelles povos, acudindo de prompto aonde as

necessidades ou permanentes, ou eventuaes, os reclamem.

Ora, está presente o sr. ministro da marinha, e s. ex.ª poderá dizer se os missionarios podem ou não prestar alli bons serviços.

Este mal é velho, não é só de agora.

Os missionarios que enviámos ao ultramar são homens dedicados, e gente pela maior parte das provincias, não são especuladores, nem os interesses temporaes os convidam: são dedicados a um sentimento da fé e do coração.

Eu tenho a experiencia d'isto, porque tenho tractado com elles.

São estes que largam as suas casas, os commodos da familia, o remanso da paz, que na casa não abastada mais se gosa; e vão arrostar com todos os perigos, vão fazer os maiores sacrificios, viver a vida mais desagradavel, soffrer fomes e flagicios entre povos barbaros e embrutecidos.

Quaes são as garantias, que se lhes dão? Irem para o collegio das missões, e podereis estar alli socegados.

Se não optam por esse abrigo, ou elle não lhe é proporcionavel, recebem depois de tantas fadigas e perigos pelo menos da saude, que todos quando voltam trazem arruinada, recebem... não sei se o deva aqui dizer; recebem o subsidio de 6\$000 réis mensaes emquanto não forem providos em algum beneficio ecclesiastico!

Verdade é, que a lei lhes dá preferencia em igualdade de circumstancias para serem providos.

Honra aos governos que têm providenciado já n'este sentido preferindo em alguns concursos os benemeritos das missões.

Julgo muito necessarias as providencias consignadas no projecto de lei que as respectivas commissões d'esta casa adoptaram para levantar a nossa Guiné, e dar forças á nossa auctoridade n'aquellas regiões, e garantir a sua acção; por isso creio que mal ficaria estar a diffcultar os meios precisos para se conseguir esse resultado.

Eu pela minha parte não negarei esses meios, e só direi que se é preciso comprar armas e bayonetas para acudir áquella colonia, tambem não o é menos o auxilio da cruz, concedendo-se tambem alguma cousa, para que as missões possam ir ao meio d'aquelles povos levar-lhes palavras de conciliação, para evangelisar; o que produz um resultado não violento, nem passageiro, mas suave e permanente,

Acho-me fatigado; e não menos o estará a camara.

Vozes:—Muito bem, muito bem.

(S. Erc.ª R.ª foi cumprimentado por muitos dignos pares.)

SECÇÃO LITTERARIA

Um nosso amigo, natural da India, mas oriundo de uma familia europeia, remetteu-nos o seguinte romancesinho historico — rigorosamente historico em todas as circunstancias principaes —, que é lindo — lindo, lindo como as flores, — como as flores do céu.

Ora leiam; e depois se tiverem coração para isso, não se juntem connosco para agradecer a valiosissima offerta...

DOROTHEA E THEOPHILO

ou

OS DESPOSADOS DO CÉU

Era na Cesarea — capital da Capadocia — por uma bella manhã de primavera do anno da graça de 305. O sol levantava-se radiante sobre essa terra abençoada da Asia, que elle fecunda com tanto amor. A brisa corria ligeira pelas janellas e pelas ruas, fazendo estremecer as trepadeiras que se enroscavam pelas columnatas dos alvos porticos de marmore. — Em uma das mais opulentas vivendas da cidade, a viração levantava docemente as cortinas de purpura suspensas das janellas d'uma casa de character romano, deixando ver ás vezes as feições encantadoras d'uma donzella, que se debruçava curiosamente para a rua como se esperasse por alguém. Esta casa era d'um famoso medico chamado Ephrem, homem rico e considerado na cidade, viuvo havia muito tempo, e que ali vivia consagrado ao unico amor que tinha no mundo, áquella linda donzella dedezoto annos, que era sua filha.

Chamava-se ella Dorothea e era todo o orgulho de seu pae. Este para lho poupar os caprichos d'outra mãe, recusara passar a segundas nupcias, e confiara a educação d'ella unicamente a Pamphila, escrava grega liberta, que a havia amamentado e creado, e para quem tinha um coração de mãe. N'este coração da escrava, o sentimento d'essa maternidade de adopção fundira-se com a submissão cega do seu estado em uma affeição delicada, nobre e pouco commum. Mas tambem é preciso dizer-se — Pamphila era christã; qualidade esta que passava ignorada, porque o odio e a ambição pagã espriavam de perto a vida intima dos christãos, e a menor suspeita podia conduzir a escrava ao martyrio e arrancal-a aos carinhosos braços da sua filha adoptiva.

Converter á fé christã a donzella, unico ser que estremecia no mundo, fôra sempre para a escrava o seu mais caro pensamento. Dorothea, porém, era tra-

vessa e folgazã, e tinha na verdade, outros cuidados que lhe preocupavam o espirito. Quando ás vezes, nos dias sanctificados, Pamphila abria o livro divino sobre os joelhos, Dorothea deixava de boa vontade por um instante as suas flores, os seus passaros raros e seus enfeites, para vir encostar-se aos hombros da ama, repetir algumas palavras das Escripturas. Então ficava seismadora, pensava de si para si que religião seria aquella tão differente do culto celebrado nos templos de Saturno, de Mercurio e de Venus, e ouvia attentamente o que Pamphila ousava revelar-lhe. Mas d'ahi a pouco via passar na rua um grupo de donzellas bem vestidas, que se dirigiam para as danças ou para os jogos publicos, e Dorothea esquecia tudo para só pensar em ser bella e dançar até entontecer. O céu dos christãos, que Pamphila lhe pintára tão bello; todos esses mysterios tão doces, tão puros: este immortal destino da alma, que ainda não comprehendia em todo o sentido, mas cuja existencia sua bella e excellente natureza lhe manifestava, apesar das trevas da sua primeira educação: todas estas cousas graves e sanctas eram olvidadas n'um instante. O que é, para uma donzella, a eternidade comparada com uma hora de prazer?

De mais, Dorothea ia casar. Desde a infancia quasi, ora desposada de Theophilo, joven advogado d'um brillantissimo talento, sobrinho de Fabricio, que governava a cidade em nome dos Romanos. Theophilo tinha sido seu companheiro dos brinquedos da infancia, e ella docemente se habituara a olhal-o como seu desposado. Em poucos dias, para o fim das festas de Marte — tempo de todos exhibirem suas galas — o joven advogado ia fazer de Dorothea a mulher mais feliz e mais invejada da rica cidade de Cesarea.

N'este dia, negligentemente encostada a uma columna de marmore phrygio, Dorothea respirava o ar puro da manhã, carregado de vapores odoriferos. Esperava novos presentes do seu desposado, e para enganar a impaciencia que a dominava, tomou dos joelhos de Pamphila um volume, cuja leitura sua ama interrompera para acabar a bordadura do véo que a bella desposada devia pôr no dia das suas nupcias, e que era d'um tecido de seda branca todo recamado de ouro.

Os olhos da donzella caíram em uma pagina do manuscripto onde se via desenhado um magestoso perfil: — feições meigas e nobres como se não encontram na terra, linhas d'uma pureza inefavel. Por baixo estavam escriptas, por mão d'um santo martyr, estas palavras do Mestre: *Eu sou a flor dos campos, eu sou o lyrio dos valles.*

— Oh! Que bella imagem! exclamou

Dorothea. E' a imagem do teu Deus, ama? Dize-me, quem foi o ousado que deu de si um similhante testemunho deante dos homens?

Abalada por um santo temor, a escrava pôz a mão na bocca da donzella, dizendo-lhe:

— Cala-te, creança! Livra-te de imitar os judeos que ousaram dizer do Filho de Deus: «Este homem blasphema.» Lembra-te, Dorothea, de que aquelle que se atreveu a dizer isso de si mesmo é o mais bello dos filhos dos homens e o Filho unico de Deus, e de que em outro logar tambem está escripto que elle mesmo disse aos judeus: «Quem de vós me poder i arguir de peccado?»

— Sim, disse Dorothea pensativa, isso é bello. Ama, esta noite havemos de ler juntas. Que pena que Theophilo odeie os christãos!

N'este momento uma das pombas favoritas do Dorothea vem pousar-lhe no hombro, e a joven esqueceu tudo para offerecer seus labios á avesinha familiar que vinha procurar a sua quotidiana ração de caricias.

Entretanto Pamphila acabava de dar o ultimo ponto no seu bordado. O véo de noiva tentava a donzella. Como tinha perto de si um grande espelho de prata polida, foi provar este novo ornato na sua fresca belleza. N'este ensaio foi surprehendida por Theophilo. Este entrara pé ante pé, e meio occulto por detraz d'um reposteiro espiava-a com ternura e via-a contemplar-se na sua innocente garridice. Finalmente arrebatado de admiração, e pela familiaridade que lhe dava a longa intinidade fraternal com Dorothea, deu um pulo e appareceu-lhe por detraz da imagem d'ella no espelho.

A donzella voltou-se para elle com o enfado d'uma creança, que se vê contrariada em sens brinquedos, mas seu arrufo encantador logo se perdeu n'um sorriso, e estendeu-lhe graciosamente as mãos.

— Sou eu, minha bella desposada, disse o joven advogado. O meu collega acaba de soffrer um grande choque, e Fausto deve um bello sacrificio a Mercurio. A causa, com quanto fosse má, não me deu grande ganho; mas eu apresentei argumentos sem replica, e todos quizeram levar-me em triumpho. Não foi sem grande trabalho que me pude livrar d'elles.

— Como me orgulham os vossos successos, Theophilo! disse a donzella com enthusiasmo. Em breve os vossos triumphos serão tambem os meus.

— Em breve, minha boa amiga; mas não tão breve que satisfaça a minha impaciencia... Eis vosso pae que manda preparar o carro para nos conduzir á sua quinta. A proposito, temos grande novidade! O *munus* d'amanhã será esplendido como ha muitos annos não

presenceamos. Quatro christãos ás fê-ras! Ha-de ser cousa soberbia! Vão ser soltas duas pantheras, uma hyena e um leopardo, chegados hontem da Numidia para os jogos de Marte.

—Os denses immortaes estão bem vingados! Assistireis, Dorothea?

(Continua).

RETROSPECTO DA QUINZENA

SUMMARY:—*O Mez de Maria.*—*Parlapaticce revolucionaria e medo d'um diluivio d'agua de Lourdes.*—*Bernardette. Morte e funeraes.*—*Uma nova conversão.*—*Cesar Cantu não deiza ver o snr. En-nes.*—*Um defensor do Papa.*—*Um agente de revolução, doudo.*—*Ignorancia d'um collaborador da «Academia».*—*O Ecclesiasterium.*—*La Ilustracion Catholica.*—*A Critica á Critica u voar.*—*Scharini, Theologia Moral.*

Em meados do seculo passado nascia na Italia a sympathica devoção do *Mez de Maria*. Ao nascer tomaram-a nos braços as formozas italianas, e tanto amor lhe dedicaram que dentro em pouco a nascente devoção transpunha as fronteiras e accentava seus arraiaes em todas as terras do mundo catholico. Parece que os corações das virgens christãs sentiam a falta d'essa devoção, porque todas e em toda a parte se esmeraram em a tornar uma das mais imponentes festividades que se fazem á Mãe de Deus. Em França chegou a ser e ainda o é hoje uma festa da moda, não só nas cidades como nas aldeias. As damas teem por um dever desfeiar os seus jardins para formarem uma nuvem de flores em volta do altar da Virgem; razão porque não deve admirar-nos o saber que em Paris, onde mais desenfreada campeia a impiedade, se fazem em 59 egrejas os exercicios do *Mez de Maria*.

E como não ser assim?! Quando toda a natureza sorri; quando as flores brotam de toda a parte; quando as aves são loucas nos seus gorgeios; quando tudo concorre para festejar a Mãe de Deus, haviam as damas, as que mais lhe devem, ficar indifferentes ante a alegria universal?

Ellas, que com a appareição do Christianismo sobre a terra, receberam a sua carta de emancipação, tornando-se de escravas, que antes eram, em rainhas! El-

las, que antes arrastavam pezadas cadeias, e que agora, passam orgulhosas, de frente altiva por entre fileiras de homens, outr'ora seus senhores, e que hoje, graças ao Filho de Maria, teem por grande favor o merecer-lhes um sorriso!

Ellas! Como podiam ellas, ser indifferentes ao culto que u'este mez se rende á Virgem Immaculada?

Infelizmente as nossas conterraneas, nem todas assim o entendem, e aos exercicios que se fazem em duas egrejas d'esta cidade, apenas se reuñem algumas dezenas de pessoas!

Com hem pezar referimos este facto, que, perdoem-nos as formosas vimaranenses, não sabemos como desculpal-o.

Da bulha que por ali tem feito certos jornaes por causa d'um hospital creado no Porto, e onde se tractavam os doentes com agua de Lourdes, devem ter noticia os nossos leitores; mas o que talvez não saibam, é que em pleno parlamento, na camara dos deputados, o snr. Rodrigues de Freitas chamou a attenção do governo sobre o escandalo, o espantoso escándalo, de se consentir no Porto um hospital, servido por irmãs de caridade e onde se tractavam todas as moléstias com agua de Lourdes!

A final que havia de ser?

Uma piedosa mulher, que ardendo no santo amor da caridade, recolhia em sua casa pobres devalidas, sem saude e sem meios e á custa da caridade das pessoas de suas relações as sustentava em quanto doentes.

Ora aqui está o que faz tanta bulha e o que levou o snr. Rodrigues de Freitas a chamar a attenção do governo! Podera! Tractava-se da agua de Lourdes! E se não fosse o snr. Rodrigues de Freitas, e chegasse a haver uma inundação d'agua de Lourdes? Então adeus liberdade, adeus instituições, adeus progresso, adeus caminhos de ferro, e tudo quanto a *musa antiga cantal!*

No dia 16 do mez passado voava ao reino da Gloria a alma de Bernardette, a innocente rapariguinha a quem appareceu varias vezes, em 1858 a Virgem Santissima. Morreu no convento das irmãs de caridade e da instrução christã onde havia professado. Deixou, pois, de existir na terra a que mereceu as milagrosas appareições, que foram a origem d'esse santuario a que

concorrem todos os dias milhares de peregrinos.

Bernardette havia nascido em 6 de janeiro de 1844; contava portanto 35 annos e poucos mezes.

Que ella, na patria dos anjos seus irmãos peça a Deus, e á Virgem por todos nós, os que cremos piamente na appareição e nos milagres que se lhe seguiram.

Eis como um collega descreve os funeraes que se fizeram no dia 19:

No dia 19 de abril, pelas dez horas da manhã, celebraram-se no convento de Saint Gildard officios funebres por alma da irmã Marie-Bernard.

Presidiu Mgr. Lelong, acolytado por Mgr. Crosnier e M. Dubarbier, Vigarios Geraes.

A missa foi cantada pelo Arcipreste, Reitor da Cathedral, assistindo o corpo capitular, o rev.º Padre Sempré, superior dos missionarios de Lourdes, o Vigario que preparou Bernardette para a primeira communhão, o clero parochial da cidade, os professores dos seminarios, o superior e irmãos das escolhas christãs, Henri Lasserre, o famoso historiador dos milagres de Lourdes, as irmãs do convento e deputações das comunidades de Nevers.

O catafalco estava vestidos de branco e coroado de flores. Antes da absolvição, o virtuoso Prelado pronunciou um magnifico discurso, tomando para thema esta passagem de Tobias:

Sacramentum regis abscondere bonum est; opera autem Dei revelare et confiteri honorificum est.

Todos os dias os jornaes nos communicam uma nova abjuração, que sempre nos apressamos a noticiar para confusão dos apóstatas. Agora encontramos a da condessa O'Connell, que nasceu princeza Nonia-Bertong, e que teve logar na capella da Nunciatura em Paris, produzindo tal impressão entre os protestantes, que não é para imaginar-se. A condessa é esperada em Roma, onde vae confirmar nas mãos do Papa a sua profissão de fé.

Seguiu a nobre condessa o exemplo de milhares de pessoas pertencentes á primeira sociedade ingleza. Deus seja louvado!

Então que querem! São couzas d'este mundo! E' já desgraça velha, premiar as vulgaridades e deixar no olvido as grandes intelligencias.

A Academia Hespanhola acaba de nomear academico honorario ao *ignorantão* do Cesar Cantu, sem se lembrar do snr. dos NN. A eleição, diz um collega de Madrid, foi unanime, e honra tanto a Academia como o agraciado, que bem mereceu tal graça do primeiro corpo litterario de Hespanha.

A' vista d'esta *cegueira*, que querem que se faça? Como nós tomos o snr. NN, hem nos fiamos no mais!

Já que nos veio á ideia o NN sempre diremos que a imprensa seria de todo o mundo tem olhado com máus olhos o pedantesco ouzar do dito reformador, e quasi toda tem dado publicidade aos protestos do sabio historiador italiano.

* * *

Em aditamento á noticia que demos no passado numero ácerca dos projectos d'uma manifestação republicana em Roma, por occasião dos funeraes do *general* Garibaldi, damos o seguinte telegramma que recebeu um jornal de Madrid:

«O Imperador Francisco José, fez saber ao Papa, que se o Vaticano for atacado pelos republicanos, o embaixador austriaco, com todo o pessoal da embaixada se irá collocar ás portas da residencia de Sua Santidade, para o que já recebeu as devidas instrucções.»

* * *

Felizmente os revolucionarios, para menosprezar a nossa santa religião procuram sempre um doudo para os representar, porque gente de juizo de certo se não presta a ser seu instrumento. Vejam os leitores pelo que transcrevemos da «Nação», se são doudos ou não. Leiam e admirem:

«Um dia d'estes apresentou-se n'uma das administrações d'esta cidade um sujeito, d'estes que usam calça de boca de sino e trazem o cigarro atraz da orelha.

—O que quer? perguntou-lhe a auctoridade respectiva.

—Venho aqui para *baptisar civilmente* o meu filho.

—E sem mais indagações, a auctoridade

perguntou-lhe: «que nome quer dar á creança?»

—Ponha-lhe o nome d'esse grande fundador da religião, d'esse homem que se chamou *Jesus*.

E tolera-se tudo isto á face da *Carta constitucional* que nos concede a graça especialissima de sermos catholicos apostolicos romanos!»

Outra doudice, mas n'outro genero: N'uns versos publicados na «Academia», periodico de Coimbra, versos em que se quer insultar a Companhia de *Jesus*, essa milicia a quem mais a humanidade deve, diz-se entre outras a seguinte parvoice:

«Para melhor seu fim emprehender
Ligaram-se á maldita inquisição,
Ao *Santo Officio*—essa instituição
Que a humanidade inteira fez gener!»

Para a eschola, menino; para a eschola. Antes de fazer versos é melhor aprender historia para não passar por ignorante das cousas mais rudimentares.

Eschola, eschola menino!

* * *

Recebemos o n.º 8 do «*Ecclesiasterium*» magnifica publicação feita em Lisboa sob a direcção do rev. padre Luiz Bernardino de Carvalho Pacheco. Traz este n.º a biographia e retrato photographado do virtuoso vice-reitor do Seminario de Faro, Padre Antonio José dos Reis. Bom é que, quando os *illustrados* do nosso paiz publicam retratos de quanta vulgaridade para ali existe, haja tambem quem torne conhecidos caracteres como este que hoje nos offerta o «*Ecclesiasterium*».

Esta revista é mensal e custa 1\$000 réis por anno. A redacção do «*Progresso Catholico*» recebe assignaturas e encomendas de todos os livros que sob os auspicios do rev. padre Pacheco se tem publicado.

Temos ante nós o ultimo n.º de «*La Ilustracion Catolica*», de Madrid, cujo sumario é o seguinte:

Texto:—*Revista*, por V. P. Nulema.—*Olu*^m*ba*, por D. Francisco Hernando.—*Monseñor Desprez*, por Leon Medina.—*Bibliographia*, por D. Miguel Mir S. J.—*Los grabados*, por V.—*Cristina*, narracion, por Ramon Segade.—*Miscelánea*.—*Anagramas*.—*Jeroglífico*.

Grabados—*Retrato de Monseñor Julian Florian Félix Desprez*, Arzobispo de Tolosa y de Narbona. *Vista interior de la Catedral de Toledo*.—*La vuelta del Hijo Pródigo* (cuadro de Leonello Espada)

A «*Critica á Critica*», opusculo de que nos occupamos no passado numero, e com que o seu auctor o rev. padre Senna Freitas deixou completamente corrido o desgraçado apostata, tem tido uma acção pasmosa!

E como não ser assim se o desejo era grande!..

A'cerca da obra de Scavini que annunciamos nos passados numeros, diz um collega:

«Começou a distribuição dos prospectos para a publicação da *Teologia Moral* de Savini, vertida para portuguez da XII edição latina, de que são editores os proprietarios da *Imprensa Social*. Esta edição foi revista e emendada pelo auctor e comprehendendo n'um ultimo volume excellentes dissertações sobre assumptos de maximo interesse por serem questões da actualidade, como é o *casamento civil*, a *sepultura dos não catholicos a negação de sepultura ecclesiastica*, a *renda dos bens da Igreja*, como se *deverem entender as censuras lançadas ás logas mágicas*, etc. Contem as principaes decisões das congregações Romanas, decretos dos Pontifices, as *actas* do Concilio do Vaticano; e na traducção será incorporada a legislação patria, com todas as materias ecclesiasticas, sobre as quaes ella preceitue.

Esta edição custará 4\$500 ou 5\$000 rs., tornando-se mais barata que o original.»

J. DE FREITAS.

Porto—Imp. Civilisação, de Santos & Lemo
8—RUA DE SANTO ILDEFONSO—10